

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

SAMIRA RODRIGUES DANTAS

AU PAIR PROGRAM:
Intercâmbio cultural ou importação de mães substitutas

BRASÍLIA
2021

SAMIRA RODRIGUES DANTAS

AU PAIR PROGRAM:

Intercâmbio cultural ou importação de mães substitutas

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação como requisito para obtenção do título de Bacharela no Curso de Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília- UnB.

Orientadora: Prof.^a Dra. Tatiana Lionço

BRASÍLIA
2021

Au Pair Program:
intercâmbio cultural ou importação de mães substitutas?

Samira Rodrigues Dantas¹
Tatiana Lionço²

Resumo:

O Programa de Au Pair é apresentado como um intercâmbio cultural para jovens entre 18 anos a 26 anos que buscam uma experiência de imersão cultural em outro país. Em troca, a jovem passa a residir com a família norte-americana e exerce uma jornada de trabalho de 45 horas semanais de cuidados infantis. O objetivo desta pesquisa foi analisar as interfaces entre a oferta do programa pelas agências de intercâmbio e as narrativas de jovens mulheres participantes do intercâmbio. Por meio da análise qualitativa de entrevistas semi-estruturadas com três Au Pairs contratantes de três das maiores agências de intercâmbio Brasil/Estados Unidos, pudemos conhecer a dinâmica da jornada de trabalho dessas jovens, os seus objetivos ao buscarem o programa, e suas dificuldades na submissão a condições de trabalho precarizado.

Palavras-chave: Trabalho doméstico; trabalho precarizado; propaganda enganosa; Au Pair.

Abstract:

The Au Pair Program is introduced as a cultural exchange for young people between 18 and 26 years old who are looking for a cultural immersion experience in another country. In exchange, a young woman lives with a North American family and works a 45 hour week in child care. The objective of this research was to analyze the correlation between the program offerings of exchange agencies and the narratives of young women participating in the exchange. Through qualitative analysis of semi-structured interviews with three Au Pairs contracted by three of the largest exchange agencies in Brazil/United States, we learned about the dynamics of these young women's working hours, their objectives when seeking the program and their difficulties in submission to precarious working conditions.

Key-words: Housework; precarious work; false advertising; Au Pair.

¹ Graduanda em Comunicação Organizacional na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

² Professora do Departamento de Comunicação Organizacional na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Orientadora do presente Trabalho de Conclusão de Curso no período letivo 2021/1

Durante a graduação em Comunicação Organizacional na Universidade de Brasília, eu tive a oportunidade de cursar matérias no Instituto de Psicologia. Após cursar “Comportamento do Consumidor”, ofertada por este instituto, eu me apaixonei pela busca de entendimento do comportamento humano e de sua subjetividade. Nos meus trabalhos acadêmicos em Comunicação, eu passei então a buscar aproximar as análises sobre fenômenos comunicacionais à dimensão psicológica. Uma das barreiras para o avanço de meus estudos vinha sendo, no entanto, a dificuldade de ler textos acadêmicos em língua inglesa.

Ao final de minha graduação, fui impactada pelo relato de uma amiga próxima que, ao voltar do intercâmbio de Au Pair no Canadá, compartilhou as suas experiências comigo. Em um primeiro momento, esse programa não havia despertado o meu interesse, mas logo eu passei a pensar que seria uma ótima solução para resolver a minha limitação com a língua inglesa.

Em seguida, procurei experiências e informações do Programa de Au Pair no âmbito cibernético. Encontrei experiências tanto boas quanto ruins, sendo que decidi procurar agências de intercâmbio que pudessem me informar melhor as características do programa. Em Brasília, cidade onde eu residia até então, me deparei com três grandes agências que representavam o programa - a agência brasileira de intercâmbio STB, representando a agência norte americana *Au Pair Care* (APC); a agência brasileira de intercâmbio Experimento, representando a agência norte americano *Au Pair in America* (APIA) e a *Cultural Care* sendo a única representada por ela mesma tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Após conversar com as representantes dessas agências, me interessei mais pelo programa de intercâmbio segundo eu fui informada que eu poderia dispor do tempo para conhecer a cultura americana e também poderia estudar um curso da minha escolha. Na retórica da agência, o papel que eu representaria na rotina da família norte-americana seria o de "uma irmã mais velha", um membro da família.

Imersa no exercício de Au Pair em solo norte-americano, pude notar que existem expectativas paralelas sobre o programa para as famílias norte-americanas e para as Au Pairs brasileiras. Para as Au Pairs, o intercâmbio é uma forma de realizarem sonhos e deixam os cuidados infantis em segundo plano (Geserick, 2012). Já para as famílias anfitriãs, a função da Au Pair é a dos cuidados infantis associados ao trabalho doméstico acessível economicamente (Cox; Busch, 2018). Pude também perceber que existem várias falhas na proteção da jovem

intercambista como é apresentado pelo jornal norte-americano Huffpost³. Ainda, o Senador estadunidense Bernie Sanders afirmou que “esse programa é uma fraude”⁴, denunciando a manobra para precarizar as condições trabalhistas de migrantes.

Devido à carência de material bibliográfico em português sobre o Programa de Au Pair, este estudo se baseia majoritariamente nas acadêmicas Rosie Cox e Janie Chuang, que teorizam e pesquisam o fenômeno em questão. Ainda, como base teórica para as análises, nos apoiamos na teoria crítica feminista da filósofa italiana Silvia Federici, que discute o conceito de trabalho a partir de preceitos marxistas, sugerindo a necessidade de incluir o gênero como elemento de análise da desigualdade nas condições de trabalho no mundo capitalista. Como fundamentação para as nossas análises, também nos baseamos em alguns documentos oficiais de regulação do trabalho doméstico e do Programa Au-Pair no Brasil e nos Estados Unidos.

Desse modo, pretende-se oferecer neste artigo uma análise de como o Programa de Au Pair é apresentado para jovens brasileiras e como a realização do intercâmbio determina novos sentidos sobre a experiência de ser Au Pair. Por meio de entrevistas semi-estruturadas com três participantes das três maiores agências de intercâmbio Brasil-Estados Unidos, consideramos analiticamente as narrativas orais de jovens mulheres que experienciaram o intercâmbio como Au Pairs para compreender os seus motivos para a escolha do programa, bem como as suas experiências com o intercâmbio.

Como questionar um dom? A naturalização do trabalho doméstico.

A construção do imaginário sobre a feminilidade começa na primeira infância com suas experiências, relações e descobertas. Por meio das brincadeiras e das narrativas é que se aprende como ser uma pessoa, internalizando sentidos sobre o mundo, sobre si mesma e sobre os outros. No caso das mulheres, aprende-se

³ "Au Pairs Come To The U.S. Seeking Cultural Exchange, But The" 31 jul.. 2020, https://www.huffpost.com/entry/au-pair-america-cultural-care_n_5f204d6ac5b69fd473126c61. Acessado em 7 nov.. 2021.

⁴ "Au pair groups, others fight Senate immigration rules - USA Today." 19 jun.. 2013, <https://www.usatoday.com/story/news/politics/2013/06/19/lobbying-cultural-exchange-visas-au-pairs/2437589/>. Acessado em 7 nov.. 2021.

desde cedo a imaginar a si mesma como mulher ao representar tarefas domésticas em cenas do lar (Mello, 2011).

A experiência da criança na esfera doméstica é marcada por atividades que ritualizam as práticas sociais, ou seja, é atravessada por representações sociais e normas morais. Por meio do desenvolvimento e da socialização primária da criança no âmbito doméstico, as regras são aprendidas, aceitas e internalizadas. Cabe lembrar que a educação escolar também reitera valores sociais e morais, estabelecendo diferentes funções para os sujeitos das interações. Educar, neste sentido, é em parte agenciar a naturalização de estereótipos (Mello, 2011).

A filósofa marxista italiana Silvia Federici apresenta uma crítica à ideologia do sistema patriarcal no capitalismo, que desloca a concepção do trabalho doméstico para a de uma atividade natural à reprodução e/ou manutenção da sociedade. Disso decorreu a precarização do reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho, já que majoritariamente é exercido por mulheres como um dom natural, e não como um trabalho específico. Este ocultamento da dimensão trabalhista dos afazeres domésticos implicou, no capitalismo, que as tarefas e as funções realizadas por mulheres não fossem remuneradas. Para a autora,

o trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. Nós somos vistas como mal-amadas, não como trabalhadoras em luta. (Federici, 2019, p. 31).

No que consistiria esse trabalho, não reconhecido como trabalho, no capitalismo? O trabalho do lar, ou doméstico, consiste em servir fisicamente, emocionalmente e sexualmente a pessoa ou o grupo que ali habita. Segundo Silvia Federici (2019, p. 47), "por trás de toda fábrica, de toda escola, de todo escritório, de toda mina, há o trabalho oculto de milhões de mulheres que consomem sua vida

e sua força em prol da produção da força de trabalho que move essas fábricas, escolas, escritórios ou minas.”.

A dedicação ao trabalho doméstico não é uma escolha livre para as mulheres: é uma ideologia imposta pela manutenção do *status quo*, tornada compulsória por meio de expectativas sócio-históricas sobre o sentido da família, do trabalho e da escola. A estas instituições da sociedade cabe estabelecer a demarcação entre o que é público e o que é privativo, a quem cabe a produção e a quem a reprodução, assim legitimando o caráter funcional "da nossa escravidão na casa - que, na ausência de um salário, sempre aparentou ser um ato de amor." (Federici, 2019, p. 52). Uma vez que a mulher abdica do trabalho doméstico, ela não está apenas renunciando ao reconhecimento do seu valor social como mulher, mas também do seu valor como reprodutora do amor, dos filhos e da estabilidade do lar (Mello, 2011).

O trabalho doméstico não remunerado e naturalizado, realizado pelas mulheres, garante "a produção e reprodução da força de trabalho do marido e filhos a menor custo" (Brujas, 1984, apud Mello, 2011, p. 12). Uma vez que esse trabalho não é remunerado, ele adquire o conceito de ser improdutivo e diferente do "trabalho real". Enquanto o trabalho formal implicaria formação e qualificação profissionais, as tarefas domésticas poderiam ser facilmente realizadas ao serem naturalizadas como habilidade feminina inata.

Muito recentemente, em torno da década de 1970, a organização política de mulheres por meio do movimento feminista se tornou predominantemente uma luta de mulheres pelo seu direito de "sair de casa" e "ir para o trabalho". Por meio do trabalho, as mulheres estariam trilhando o caminho da libertação. Mais recente ainda é a problematização do não reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho (Federici, 2019). Para sair de casa para trabalhar, as mulheres passaram a agenciar relações de poder com outras mulheres. Outras mulheres passaram a depender economicamente, no mercado de trabalho, do trabalho doméstico a ser realizado na casa de outras mulheres.

Uma vez que as mulheres deixam os lares em busca de igualdade no mercado de trabalho, há uma necessidade de terceirização do trabalho doméstico - tanto para cuidar do lar quanto para cuidar dos filhos. Porém, durante o processo de terceirização, não se problematizou a desigualdade de gênero no trabalho em

relação às questões raciais e de desigualdade de classe social, o que desencadeou as "intensas desigualdades entre as próprias mulheres" (Rodrigues; Adrião, 2018).

Nos Estados Unidos, as mulheres começaram a desacumular e a desacelerar o ritmo do trabalho doméstico, o que causou "o crescimento das creches e o dramático aumento do número de crianças matriculadas na pré-escola" (Federici, 2019, p. 75). Através desse rito, o país começou a apresentar um déficit de creches para atender a população. Foi nesse contexto social que o Programa de Au Pair foi aprovado pelo Departamento de Estado, mesmo levantando dúvidas e críticas sobre a sua categorização como "intercâmbio cultural". O programa Au Pair surgiu, portanto, com o objetivo de solucionar o problema da sobreposição entre trabalho e afazeres domésticos, oferecendo a contratação de Au Pairs para a realização dos cuidados infantis domiciliares, com flexibilidade de tempo e acessíveis economicamente (Chuang, 2013).

A importação do trabalho doméstico precarizado.

Au pair é um termo francês que significa "igual" e é utilizado para designar jovens (18 anos - 30 anos) que viajam para fora do seu país de origem em busca de um intercâmbio cultural. Geralmente, os programas de Au Pair permitem a jovens o direito de trabalhar e de estudar legalmente por um ano em outro país. Segundo a Associação Internacional da Au Pair (IAPA)⁵, o Programa de Au Pair é um programa de intercâmbio único em que tanto a Au Pair quanto a família anfitriã experienciam uma troca cultural, e por isso a jovem é considerada um membro igualitário na família que a acolhe.

O dever de uma Au Pair é dar suporte para os pais e as crianças da família que a receberá em outro país. De acordo a agência *Au Pair in America* (APIA)⁶, as atividades exercidas por uma Au Pair são: caminhar com as crianças, dirigir as crianças para as atividades como escola, consultas ou outras atividades solicitadas pela família anfitriã; ajudá-las a se vestir, preparar as refeições e arrumar a cozinha depois da alimentação das crianças, brincar com as crianças, lavar e organizar as roupas das crianças, e ficar em casa com as crianças quando elas estão doentes.

⁵ "International au pair association – IAPA." <https://www.iapa.org/>. Acessado em 7 nov.. 2021.

⁶ "What Does an Au Pair Do?." <https://www.aupairinamerica.com/aupairs/responsibilities/>. Acessado em 7 nov.. 2021.

Em cada país existem diferentes regulamentações sobre o programa de Au Pair. Segundo o governo dos Estados Unidos⁷, as Au Pairs precisam ser proficientes em inglês, ter concluído o ensino médio ou um ensino equivalente, ter entre 18 a 26 anos e ser hábeis fisicamente. Ainda, devem passar por uma investigação de antecedentes que inclui referências escolares, três referências pessoais e de emprego e uma verificação de antecedentes criminais. Está estabelecido também que as Au Pairs precisam ter no mínimo 200 horas de experiência prévia no cuidado de crianças, uma carteira de habilitação válida, ser solteira e não ter filhos. A jornada de trabalho de uma Au Pair pode ser no máximo 45 horas semanais - não excedendo 10 horas diárias - e deve ter um dia e meio de folga a cada semana, recebendo uma remuneração de \$195,75 dólares semanais.

No entanto, especialmente nos Estados Unidos, o Programa de Au Pair não é considerado um intercâmbio de estudo, nem um intercâmbio de trabalho. Existe um problema vigente na categorização desse programa. Segundo uma matéria publicada no jornal norte-americano Washington Post⁸, a versão piloto do Programa de Au Pair foi lançada em 1986 e desde então o governo norte americano questiona o porquê um programa de intercâmbio cultural apresentaria uma carga horária de trabalho de 45 horas semanais. Órgãos americanos como o Departamento de Estado, o Departamento do Trabalho, o Serviço de Imigração e Naturalização e a USIA determinaram que o programa deveria apresentar uma reestruturação em sua jornada de trabalho para, então, vir a ser classificado como intercâmbio cultural.

Porém, as agências de Au Pairs alegaram que as famílias americanas precisavam que se cumprisse uma jornada de 45 horas por semana. Em 2012, o Escritório do Inspetor-Geral do Departamento de Estado questionou “a conveniência de programas de trabalhos sejam mascarados como um intercâmbio cultural”⁹. Em 1971, um estudo realizado pelo banco Chase Manhattan comprovou que, no final dos anos 1960, as mulheres estadunidenses passavam cerca de 45 horas por semanas dedicando-se ao trabalho do lar (Federici, 2019, p. 62).

⁷ "Au Pair program." <https://j1visa.state.gov/programs/au-pair>. Acessado em 7 nov.. 2021.

⁸ "Are au pairs cultural ambassadors or low-wage nannies? A lawsuit" 3 nov.. 2016, https://www.washingtonpost.com/lifestyle/magazine/are-au-pairs-cultural-ambassadors-or-low-wage-nannies-a-lawsuit-enters-the-fray/2016/11/01/09e8a1ee-8f2e-11e6-9c85-ac42097b8cc0_story.html. Acessado em 7 nov.. 2021.

⁹ "Are au pairs cultural ambassadors or low-wage nannies? A lawsuit" 3 nov.. 2016, https://www.washingtonpost.com/lifestyle/magazine/are-au-pairs-cultural-ambassadors-or-low-wage-nannies-a-lawsuit-enters-the-fray/2016/11/01/09e8a1ee-8f2e-11e6-9c85-ac42097b8cc0_story.html. Acessado em 8 nov.. 2021.

Segundo a socióloga Cameron MacDonald, a classe média e a classe média alta estadunidense desempenham o que a autora denomina "*intensive mothering*". Ou seja, trata-se de uma preocupação com a otimização do desenvolvimento infantil, fazendo com que a educação de crianças seja "centrada na criança, guiada por especialistas, emocionalmente absorvente, trabalho intensivo e financeiramente cara" (apud Chuang, 2013, p 278). Os países ricos dependem da exportação de mão de obra para suprir o déficit de cuidados e a falta de políticas públicas para as mulheres (Chuang, 2013). Há, portanto, déficit na oferta de creches regulares para suprir a demanda por cuidados infantis qualificados. Além disso, algumas famílias não apenas complementam, mas preferem os cuidados infantis domiciliares realizados por uma Au Pair.

Direitos das trabalhadoras domésticas: quais mulheres teriam direitos, e a quais trabalhos?

No Brasil, o avanço para as conquistas das trabalhadoras domésticas foi um processo custoso. Benedita da Silva (2013 apud Pedreira, 2013) afirma que:

todas as vezes que a trabalhadora doméstica vai buscar os seus direitos, o empregador tenta minimizar essa luta, dizendo que as tratam bem, que é uma pessoa da família. Mas essa pessoa da família é relegada a um verdadeiro cubículo, com uma jornada sem hora para acabar, sem folga semanal e remuneração adequada, férias, 13o.

Uma das principais reivindicações na história dos sindicatos de trabalhadoras domésticas seria a da ruptura do laço entre o trabalho de manutenção do lar e da família à sua dimensão afetiva. Isso porque a ideia de que a empregada doméstica seria um membro da família foi reiteradamente usada como justificativa para a precarização das condições de seu trabalho (Adrião, 2018).

Uma vez que a estruturação do Programa de Au Pair apresenta esta ideologia de que as jovens intercambistas seriam parte das famílias que as recebem, pode-se presumir que tal argumento encobre a negligência na garantia dos direitos de trabalhadoras domésticas adquiridos até o momento. :

Este intercâmbio é uma estratégia para estrangeiros fornecerem cuidados infantis a baixo custo, visto que, contratar uma babá residente do país em questão, é de alto custo; além disso, pelo fato de a au pair ser caracterizada como um

membro da família, teoricamente, não seria discutido aspectos como termos e condições de trabalho, deixando a dúvida a respeito de até aonde vai o acolhimento do estrangeiro (Carrie Yodanis e Sean Lauer, 2005 apud Facchin, 2019, p.31).

Contratar as atividades da Au Pair por meio do intercâmbio é um recurso para tornar acessível economicamente o pagamento pelo trabalho doméstico. A remuneração da Au Pair se baseia no salário mínimo federal por horas nos Estados Unidos. Ainda, o programa estabelece como direito das famílias americanas o abatimento de 40% do salário da Au Pair sob a justificativa de cobrir os custos de sua hospedagem (o quarto) e a alimentação da jovem na casa da família anfitriã.

Uma vez que Au Pairs moram no mesmo local em que trabalham, há uma perda parcial de liberdade (Cox; Narula, 2003). Para Maria Bethânia Ávila (2009, p. 195 apud Rodrigues; Adrião, 2018, p. 8) essa situação faz analogia com um modo específico de servidão “no qual o controle do uso do tempo, a forma de organizar os objetos pessoais, a falta de espaço para si e as suas relações pessoais estão totalmente sobre o controle patronal”.

De acordo com os direitos trabalhistas no Brasil, segundo a *Cartilha dos Trabalhadores Domésticos: Direitos e Deveres*, produzida pelo Ministério do Trabalho (Brasil, 2015), é proibido ao empregador efetuar descontos no salário devido à alimentação, vestuário, higiene ou moradia. Direitos como esses preservam a cidadania das domésticas (Vieira; Almeida, 2019).

Metodologia

Este é um estudo exploratório qualitativo sobre a experiência de três Au Pairs brasileiras que participaram do programa de intercâmbio cultural das três maiores agências norte-americanas, sendo que duas são associadas a agências brasileiras. As agências *Cultural Care*, *Au Pair Care* e *Au Pair in America* são as três principais agências de Au Pairs dos Estados Unidos. Este estudo pretende visibilizar a perspectiva de três jovens brasileiras que participaram do Programa Au Pair oferecido por essas agências de intercâmbio. Ainda, visamos conhecer como elas exerceram a função de Au Pair em lares nos Estados Unidos. Por isso, o artigo usa as narrativas com intuito de transmitir notícias e informações por meio de relatos de experiências pessoais (Gibbs, 2009) que desvelam sentidos sobre a experiência de intercâmbio.

Com base na metodologia qualitativa da Teoria Fundamentada (Gibbs, 2009), esta pesquisa busca conhecer a experiência contraditória de Au Pairs, cotejando suas narrativas aos conteúdos publicizados no marketing das agências de intercâmbio. Por isso, adotamos como procedimentos de coleta de dados uma amostragem por conveniência, que consistiu na leitura dos conteúdos dos sites das três maiores parcerias para o programa Au Pair Brasil-Estados Unidos, bem como de entrevistas semi-estruturadas com jovens que desempenha(ra)m a função de Au Pair e que são conhecidas por compartilharem vida comigo nos EUA.

Uma vez que estive inserida no exercício das funções de Au Pair nos Estados Unidos nos últimos 2 anos e meio, incluo nas análises a minha percepção auto-reflexiva no papel de participante deste programa. Metodologicamente, nos inspiramos na autoetnografia, já que a experiência pessoal da pesquisadora permitiria contextualizar o problema de estudo em sua própria inserção social e condição identitária. Segundo (Versiani, 2002, p. 67),

ao invés de falar sobre o Outro, ou pelo Outro, (...) passa a falar com o outro, através da elaboração de uma escrita dialógico e/ou polifônica que busca ser uma “alegoria” do encontro entre subjetividades de diferentes culturas: a dos etnografados e a sua própria.

Através dessas três entrevistas podemos fazer uma comparação/análise entre diferentes experiências de casos envolvendo o Au Pair. Podemos entender em profundidade o papel exercido pelas Au Pairs inseridas no contexto norte americano. Para Gibbs (pag 95, 2009):

a análise de narrativas e biografias acrescenta uma nova dimensão à pesquisa qualitativa, concentrando-se não apenas no que as pessoas disseram e em coisas e eventos que descreveram, mas na forma como o fizeram, por que o disseram e o que sentiram e vivenciaram. Sendo assim, as narrativas possibilitam compartilhar o sentido que a experiência tem para os entrevistados e lhes dar uma voz para que possamos vir a entender de forma eles encaram a vida.

O artigo conta com 3 três entrevistas como base empírica, sendo que 2 duas das entrevistadas já terminaram o programa de Au Pair e continuam residindo nos Estados Unidos. A outra prevê finalizar o intercâmbio no programa de Au Pair em dezembro de 2021. As três entrevistadas possuem ensino médio completo, sendo que duas delas já concluíram o ensino superior. Dentro do recorte metodológico

estabelecido neste estudo, cada uma das entrevistadas realizou o intercâmbio por meio de uma das três grandes agências de Au Pair Brasil-Estados Unidos: a entrevistada 1 (E1) se vinculou à *Cultural Care*, a entrevistada 2 (E2) à *Au Pair Care* sendo representada pela agência de intercâmbio STB no Brasil, e a entrevistada 3 (E3) à *Au Pair in America* sendo representada pela agência de intercâmbio brasileira Experimento. Já que nossa amostra é restrita, decidimos priorizar participantes de diferentes agências de modo a alcançar, estrategicamente, maior amplitude nas inferências analíticas sobre o intercâmbio em diferentes condições organizacionais.

Como procedimento de análise dos resultados, a perspectiva adotada na pesquisa foi a da Teoria Fundamentada (Gibbs, 2009) que prevê articular as evidências a esforços de teorização sobre fenômenos pouco teorizados no campo científico. A Teoria Fundamentada prevê três passos na análise qualitativa de dados: a codificação, a categorização e a teorização. Desta forma, de início e durante o processo de análise de dados se navegou pelos sites das agências referidas, sem, no entanto, esgotar as análises da integralidade dos conteúdos contidos na comunicação externa das agências. Narrativas e imagens dispostas no marketing das agências foram, no entanto, acionadas para agregar sentido analítico aos relatos orais das participantes entrevistadas.

As entrevistas foram transcritas e o primeiro passo de análise consistiu em codificar os dados, ocasião em que puderam ser identificados marcadores conceituais na análise preliminar dos dados. Questões trabalhistas, exemplos de atividades desenvolvidas que extrapolam as atribuições formais, incongruências entre as compreensões sobre o contrato por parte das famílias e das Au Pairs, a sobrecarga emocional e física e o impacto subjetivo das condições de moradia e de trabalho, as percepções sobre as relações familiares e sobre educação infantil, a consciência racial e de classe como latinoamericanas, as expectativas frustradas relacionadas ao estudo e ao trabalho no exterior, são alguns dos códigos identificados inicialmente.

O segundo passo da análise foi a sistematização dos sentidos implicados na narrativa das experiências das Au Pairs em categorias analíticas que contribuíssem para a formulação de conhecimento sobre o fenômeno. A apresentação dos resultados será então organizada em três categorias analíticas abrangentes, que desvelam sentidos sobre: (a) as características da comunicação externa das

agências e seu impacto na experiência das Au Pairs, (b) a servidão das Au Pairs às exigências das famílias, e (c) a condição de privação dos seus interesses privados.

O terceiro passo da análise de dados na Teoria Fundamentada é a teorização sobre o objeto de análise. Assim, os resultados da análise qualitativa dos dados serão a seguir apresentados na lógica da teorização, baseada em evidências, sobre a experiência das Au Pairs na realização do intercâmbio oferecido comercialmente por agências.

A promessa das agências como falsa propaganda.

Ao acessar o site da agência de intercâmbio Experimento, representante legal da agência norte-americana *Au Pair in America*, encontra-se um *banner* chamativo com imagens de jovens felizes segurando crianças - uma com aproximadamente dois anos e outra em torno de seis anos - com uma imagem de fundo da cidade de Nova Iorque. Ainda, o banner apresenta uma chamada para espectadores do site: "Colecione experiências no Programa de Au Pair. Estude e trabalhe nos Estados Unidos e vivencie a melhor experiência da sua vida."¹⁰.

Porém, ao acessar o site da agência norte-americana *Au Pair in America*, o primeiro banner de promoção do intercâmbio o apresenta como "flexível e confiável - cuidados infantis que funcionam com você"¹¹. Quando se trata da comunicação externa dirigida a possíveis contratantes do programa como Au Pairs, o intercâmbio é apresentado como um intercâmbio cultural, um intercâmbio para colecionar experiências, onde a participante terá a oportunidade de trabalhar e de estudar de forma legal nos Estados Unidos. Quando se trata de apresentar o programa para as famílias norte-americanas, por outro lado, o intercâmbio é vendido como um serviço de *childcare*, ou seja, de cuidados infantis, que funcionaria de acordo com as necessidades específicas das famílias.

Continuando a análise das agências, a agência Cultural Care¹² conhecida por ser a maior organização de au pairs dos EUA, apresenta 4 motivos para jovens brasileiras serem Au Pairs, sendo eles: intercâmbio cultural, oportunidades de viagem, crescimento pessoal e crescimento educacional. Já em seu site americano

¹⁰ "Au Pair nos EUA é na Experimento | Trabalhar nos EUA." <https://www.experimento.com.br/trabalho/au-pair>. <https://ibb.co/McBf9P7> Acessado em 7 nov.. 2021.

¹¹ "Au Pair in America - Live, Study and Travel in the USA." <https://www.aupairinamerica.com/> <https://ibb.co/kBcFZ19>. Acessado em 7 nov.. 2021.

¹² "Cultural Care: Seja uma au pair na Estados Unidos." 8 nov.. 2020, <https://www.culturalcare.com.br/>. Acessado em 7 nov.. 2021.

voltado para as famílias, a agência propaga que com eles encontram segurança, confiança e um programa que se adequa às necessidades das famílias anfitriãs. Novamente, podemos ver que a mensagem passada para Au Pairs é diferente da mensagem passada para as famílias que participam do mesmo programa. Infelizmente, o que acontece é o desencontro das expectativas das partes, sendo falsa a propaganda para ambas.

O programa de Au Pair é um produto no mercado de agências de intercâmbios que é apresentado de forma diferente para os diferentes segmentos que compõem o público alvo das empresas. Ambas as partes envolvidas na experiência contratam o serviço de intercâmbio da mesma agência, mas há diferença na comunicação externa das agências quando voltada para as jovens e quando para as famílias. Como contratantes do programa como intercambistas e prestadoras de serviços, as jovens carregam o sonho de imigração e de qualificação educacional/profissional. Como contratantes de serviços domésticos, as famílias pagam o intercâmbio visando a prestação de serviço doméstico no cuidado de crianças a baixo custo, para que possam, por sua vez, trabalhar fora de casa. Há sincronia no sentido, na promessa de felicidade, de sucesso e de status para ambos públicos (Souza; Brandão, 2002).

A jovem está comprando o intercâmbio como um produto que promete felicidade por meio da oportunidade de viver e de viajar para os Estados Unidos da América, e sucesso por obter status legal para estudar em uma instituição estrangeira, em tempo em que trabalhará nas residências e receberá em dólares, conquistando status social como alguém que mora fora do seu país de origem. Por outro lado, a promessa de felicidade feita às famílias anfitriãs por meio da comunicação externa das agências de Au Pair é a da garantia da liberação do trabalho doméstico, tornando assim a vida da família mais fácil. Ainda, alegam aprimoramento do desenvolvimento infantil, por dispor de participantes qualificadas para a educação dos filhos, expondo-os a novas línguas e culturas, um status social como família comprometida com a qualidade dos cuidados ao contratar uma Au Pair (MacDonald, 2010).

A entrevistada 1 embarcou pela agência *Cultural Care* e afirmou que o principal motivo pela escolha do intercâmbio foi a afinidade com crianças e por ser uma alternativa acessível financeiramente para conhecer os EUA. A jovem compartilha um pouco do que esperava vivenciar no intercâmbio:

Na minha cabeça eram cuidados infantis igual no Brasil, que era uma questão mais pedagógica, uma questão mais lúdica de brincar e ensinar... Essas coisas. Eu fui com esse objetivo de ter uma experiência cultural porque, no Brasil, o programa é vendido pra gente como forma de ir para os Estados Unidos na condição de morar com uma família americana, cuidar das crianças deles, viajar, conhecer os Estados Unidos inteiro, conhecer o mundo se quiser. E ainda vai receber por isso e ainda vai estudar! Então eu achava que eu ia vir aqui para os Estados Unidos cuidar de crianças e ainda de bônus estar estudando (E1).

As agências de intercâmbio oferecem diversos programas, sendo o de Au Pair caracterizado por ser um programa de baixo custo. As participantes precisam desembolsar entre três e seis mil reais previamente ao seu embarque. Isso faz com que o programa seja enxergado de modo atrativo pelo o que é oferecido: melhoria da vida. O intercâmbio é legalizado pelo governo dos Estados Unidos. As Au Pairs adquirem o visto J1 (categoria de visto norte-americano de trabalho que permite estudar durante a vigência do intercâmbio). Porém, mesmo órgãos públicos estadunidenses questionam a incongruência entre a viabilidade de estudar e o cumprimento das jornada de 45 horas semanais que as Au Pairs poderiam atingir na rotina de trabalho doméstico.

A entrevistada 2, contratante da agência STB (representante da agência americana *Au Pair Care*), também menciona como motivo da sua escolha por esta agência a proposta que lhe era mais acessível financeiramente, pensando na lógica de custo e benefício em seu projeto de ir para os EUA estudar e trabalhar. Por influência de uma conhecida sua que viveu uma história de sucesso com o intercâmbio como Au Pair, decidiu participar do programa. Porém, após chegar aos EUA e exercer tarefas como Au Pair, notou que não dispunha de tempo para si, sendo os seus dias dedicados à família anfitriã. Sua percepção sobre o programa mudou drasticamente, afirmando que

A fachada dele é muito bonita, mas a realidade é que está vindo para cá para ser explorado. Simplesmente não tem condição, não tem um intercâmbio que te faz trabalhar 45 horas por semana. Isso não é um intercâmbio, nem no Brasil que trabalha nove horas por dia ou dez horas por dia. O nosso sistema de trabalho, no Brasil, é de oito horas por dia, 40 horas semanais no máximo, o que é aceito como trabalho oficial. Informal eu trabalhei muito. Mas mesmo assim, a gente está vindo como um trabalho do governo, para um intercâmbio com

um visto J1. Como você estuda trabalhando 10 horas por dia? Como você vai estudar durante a madrugada? Era isso que eu fazia. Aí eu não dormia. Aí eu não comia. Você se destrói de todas as formas possíveis: eu me destruí de todas as formas possíveis para aguentar esse programa. Fisicamente, mentalmente, tudo, foi um inferno (E2).

A agência *LCC - Local Child Care Coordinators*, apresenta que a *Au Pair* pode contar com o seu suporte durante a vigência do intercâmbio. A *LCC* é contratada por uma agência de intercâmbio como uma responsável por um grupo de *Au Pairs*. A função que ela deveria exercer é a de solucionar problemas, o que inclui mediar reuniões diante de problemas de comunicação entre as partes, restabelecendo as condições regulamentadas no programa.

A entrevistada 3, contratante da Experimento, compartilhou que a sua chegada na casa da família anfitriã foi conturbada. Durante as conversas preliminares entre as partes por Skype, procedimento que integra o processo de vinculação entre as jovens e as famílias, a candidata a *Au Pair* estava ciente da demanda da família por alguém que colaborasse com os deslocamentos da criança. Por isso, avisou no diálogo com aquela mãe anfitriã que suas habilidades em direção de veículos eram limitadas. Naquela ocasião, ambas concordaram que, uma vez que estivesse com eles, a jovem poderia realizar aulas de direção nos Estados Unidos para assim assumir a tarefa em momento oportuno, com mais segurança. No entanto, já no segundo dia de sua estadia no exterior foi solicitada a dirigir um veículo. Não se satisfazendo com a habilidade para dirigir da jovem, a mãe anfitriã solicitou à agência o procedimento de *rematch* apenas três dias desde a sua chegada.

No Programa de *Au Pair* está prevista, em caso de dificuldades nas relações entre as partes, a possibilidade de estabelecer novo vínculo entre a jovem intercambista e as famílias contratantes que ainda estão selecionando uma *Au Pair*. Pelas regras do programa, a *LCC* precisa realizar uma reunião oficial entre a *Au Pair* e a *host family* quando houver dissensos e conflitos. Na reunião, ambas partes podem dialogar sobre o conflito de interesses e a *LCC* apresentaria soluções para lidar com a situação, como por exemplo o encaminhamento pela redefinição de vínculo entre partes envolvidas no programa já contratado. Quando o *rematch* for oficializado, a *Au Pair* dispõe de duas semanas para achar uma nova família que a possa acolher, caso contrário deverá retornar ao país de origem. Ao longo dessas

duas semanas, a Au Pair pode continuar na casa da atual família anfitriã, mas no caso da entrevistada 3 a família se recusou a abrigá-la. A participante narra que consegue lembrar exatamente a maneira como aconteceu a reunião, um momento muito impactante no seu intercâmbio.

Ela (a mãe) olhando para a representante da LCC, falou assim: "eu não preciso dela aqui. Ela pode sair da minha casa agora." A gente estava na mesa, nós três. Minha agente da LCC olhou para mim e falou: "você pode fazer as suas malas? Se você tiver onde ficar, você pode ficar com essa pessoa. Ou se você não tiver onde ficar, eu coloco você no hotel e te mando no próximo vôo para o Brasil." (E3).

No momento de vulnerabilidade que a Au Pair se encontra, podemos analisar que ela não teve o conforto e nem amparo que a LCC deveria oferecer diante dessa situação. O que torna o programa desafiador para as Au Pairs, uma vez que não está no seu país de origem, não está acostumada com o idioma do local e não conta com apoio físico da sua família. Muitas vezes, parece que não existe um suporte tanto físico quanto emocional para elas.

Na tese de graduação de Giovana Facchin pela Universidade de Caxias do Sul, 2019, apresenta uma pesquisa sobre as Au Pairs brasileiras. Dentro dessa pesquisa, 45% das Au Pairs participantes responderam que tanto o suporte da LCC quanto da agência não é eficaz. Em contrapartida, 20% das Au Pairs confirmaram ter o suporte necessário; 32% das Au Pairs alegam que depende da LCC e da agência; por fim, 3% das Au Pairs nunca precisaram de suporte.

Sobre teto, comida e favores: o desvalor do trabalho da Au Pair.

Segundo a agência de intercâmbio *Cultural Care*, a Au Pair é responsável por "tarefas domésticas que estejam diretamente ligadas aos cuidados das crianças"¹³. Como exemplos, cita o preparo das refeições, o cuidado com a higiene e a vestimenta das crianças, o acompanhamento à escola e a outras atividades extracurriculares. Lavar e dobrar as roupas, ajudar na lição de casa, entretê-las e ajudá-las a se preparar para dormir também são tarefas mencionadas. Além de citar tais exemplos de atividades, explicitam que é vedado que se exijam quaisquer outros trabalhos além dos referidos.

¹³ "O Que uma Au Pair Faz: Deveres e Responsabilidades | Cultural Care." <https://www.culturalcare.com.br/seja-uma-au-pair/deveres-e-responsabilidades>. Acessado em 7 nov.. 2021.

Ao entender que a Au Pair é responsável pelos afazeres relacionados ao cuidado de crianças, a função de uma Au Pair se confunde com a de educadora em um sentido amplo: como professora que apoiaria pedagogicamente o desenvolvimento de habilidades escolares, mas também como uma educadora da família, abrangendo as responsabilidades familiares de entretenimento, cuidados com a higiene e organização do cotidiano da criança, condição que tende ao estabelecimento de vínculos emocionais entre a Au Pair e a criança.

Seria a função da Au Pair compatível com as responsabilidades maternas? Lembremos que a naturalização do trabalho doméstico como dom das mulheres permite o deslocamento de atribuições entre mulheres, no caso a mãe contratante e a Au Pair selecionada pela família como uma mãe substituta. As crianças acabam se apegando afetivamente às Au Pairs, suprimindo uma necessidade emocional em seus processos de desenvolvimento que seria atribuição da família.

A entrevistada 2, por exemplo, recorda que as crianças sob os seus cuidados fizeram vários desenhos para ela. Nesses desenhos, estava representada a Au Pair e o amor que eles sentiam pela mesma, sendo que poucas vezes havia algo semelhante dirigido para os pais. Também conta que, muitas das vezes em que as crianças ficaram doentes, ela também adoecia por ser a pessoa que cuidava das crianças enfermas. Ela ensinava as crianças a lavarem as mãos e a se limparem, mas encontrava dificuldades, sentindo frustração e sobrecarga neste tipo de atividades.

Eu ficava me sentindo muito mal, sabe? Porque eu não conseguia ensinar o certo para as crianças. Mas não dá para você ensinar quando o exemplo que vem dos pais é outro... Não é uma coisa que você precisaria fazer, para começo de conversa. Não deve ensinar, porque não é o seu dever. Não é o seu trabalho como Au Pair. Mas você está lá. Os pais não estão. Você precisa ensinar de alguma forma. Os pais não estão lá. Então você tem que fazer de alguma forma. É uma linha muito tênue e um buraco enorme, errado nesse programa (E2).

A entrevistada 3 trabalhou para uma mãe solteira e considera que, talvez pelo fato de a mãe não dispor da ajuda do pai da criança, ela mesma teve que realizar tarefas que na sua compreensão não são responsabilidades de uma Au Pair.

Normalmente tem um pai que ajuda, mas lá era a Au Pair que ajudava. Então eu acabava tomando esse papel junto com ela. Mas eu fazia de tudo com eles, de tudo. Se ela precisasse que eu fosse comprar roupas para as crianças porque ela não tinha tempo, eu ia com as crianças comprar roupa, porque ela não tinha tempo. Então eu fazia tudo o que normalmente as meninas fazem e um pouquinho mais (E3).

A entrevistada 1 reconhece que o programa restringe os deveres da Au Pair no âmbito doméstico a cuidados relacionados às crianças, mas entende como falho o modo como isso é apresentado para as famílias, pois os argumentos são muito amplos. Desabafa sua insatisfação por realizar trabalhos que extrapolam a sua atribuição como Au Pair. Além de cuidar daquilo que é relacionado à criança, cuida também das demandas de trabalho para manter organizada a casa, de uma maneira geral.

A gente tem a obrigação de cuidar da alimentação da criança, algumas Au Pairs tem que fazer a comida. Outras tem que fazer compras. A gente tem que cuidar da questão da educação. Muitas têm que transportar a criança ou ajudar com algumas tarefas de casa. A gente tem que cuidar dos afazeres domésticos - a limpeza do quarto, de brinquedos e cuidados gerais de higiene. E o que não está envolvido, mas a gente acaba fazendo a mais, é cuidar dos familiares. Não é nossa função, mas a gente faz. (...)é muito errado essa questão dos cuidados infantis pois eles não explicitam tão bem assim o que são os cuidados infantis. Por exemplo, você está lá dando um almoço para crianças. Aí a criança fez a maior sujeira no chão e tal. Aí você vai limpar o chão. Você vai limpar exatamente onde a criança sujou. Porque isso é a parte da sua obrigação. Só que o que acontecia com as famílias todas para as quais eu trabalhei: se eu estou limpando o chão, eu tenho que limpar o chão de toda a cozinha. Se eu estou limpando o chão da cozinha, aí já vai para a sala. (...)Se eu estou lavando a louça, tem que lavar a louça de todo mundo caso esteja no meu horário de trabalho. Não interessa se tem só um copo da minha criança na pia e 500 da família. Eu tenho que lavar tudo e eu acho isso muito errado, porque no final de semana a gente tem um dia de folga né. No meu caso, no final de semana eles não fazem a minha limpeza. Eles não cuidam de nada para mim. Então assim, é muito amplo e não é justo porque a gente acaba fazendo as tarefas que a gente chama "*light housework*" que são as tarefas leves da casa. Então isso não é vendido no programa, mas isso é uma coisa que acontece com todas as famílias. Você tem que fazer na melhor

ou na pior família, você vai fazer e às vezes é muito difícil você separar isso, porque essa separação cria atrito (E1).

A remuneração do trabalho de Au Pair é baseada no salário mínimo federal por hora dos Estados Unidos. Ou seja, a Au Pair deveria receber \$7.25 por hora e trabalhar 45 horas, o que daria \$344.38 por semana. Porém, as famílias americanas abatem 40% do salário da Au Pair de acordo com as normas dos programas, sendo este valor destinado a cobrir gastos de moradia (o quarto) e de alimentação. De fato, as Au Pairs recebem \$4.35 por hora de trabalho, resultando em um salário de \$195.75 semanais¹⁴, o que gira abaixo de \$10 mil por ano estimados na definição do salário mínimo. Uma pessoa que recebe abaixo de \$10 mil por ano, nos Estados Unidos, está abaixo da linha da pobreza¹⁵.

Durante o meu primeiro ano como Au Pair passei por situações difíceis relativas à comida. Não havia conhecimento, por parte da família que me recebeu e por minha própria parte, de que parcela significativa do que eu receberia era descontado: 40% do valor da minha remuneração como Au Pair era deduzido com a justificativa de que os custos com moradia e alimentação seriam diretamente custeados pela família. Após inúmeras tentativas de resolver incompatibilidade entre meus hábitos alimentares e o que a família me oferecia para comer. Passei a comprar a minha própria comida com o salário mínimo que recebia semanalmente, mas foram necessárias três reuniões, com a mediação da agência, para identificarmos conflitos de entendimento, até que pude entender que comprar comida era uma obrigação da minha família anfitriã, e não um favor. Após uma situação em que o pai da família anfitriã chegou do mercado com apenas dois de uma lista de dez alimentos solicitados por mim, eu me recusei a trabalhar. Nesse momento, em que eu já havia passado oito meses com dificuldades na alimentação, ele me autorizou a ir ao mercado para fazer as minhas compras, devendo trazer o recibo para que ele me reembolse o valor de até \$60 semanais destinado à garantia da minha alimentação. Precisei me impor para dispor de um benefício que era a

¹⁴ "Au pairs win \$65.5 million settlement in Denver lawsuit - AP News." 9 jan.. 2019, <https://apnews.com/article/north-america-lawsuits-caribbean-child-care-south-africa-23db59461513473c900f6695b08e0e96>. Acessado em 7 nov.. 2021.

¹⁵ "Income a single person needs to get by in every US state - CNBC." 17 ago.. 2021, <https://www.cnbc.com/2021/08/17/income-a-single-person-needs-to-get-by-in-every-us-state.html>. Acessado em 7 nov.. 2021.

mim formalmente assegurado, embora eu o tenha acessado na lógica de um favor por parte da família.

A desigualdade na distribuição do poder de negociação, no entanto, favorece a parte que tem o controle das regras e do espaço (Cox; Narula, 2003), vulnerabilizando a Au Pair nas negociações. Estabelecer limites e reivindicar o que lhe é de direito, para as Au Pairs, é uma posição arriscada, pois elas vivem no seu trabalho, ou seja, moram na casa do chefe. A entrevistada 2 relembra que a primeira vez em que tentou se impor e recusar alguma demanda da família norte-americana, a consequência foi a retaliação, sendo interrompida a compra da sua comida.

Eu me sustentava e eu recebia quatro dólares, algo do tipo. Às vezes eu acabava a semana com cem dólares no bolso. Eu gastava com comida, com a gasolina do carro para ir comprar comida, para tentar sair de casa um pouco e ir à academia... Primeiro que é uma coisa que as pessoas não falam, mas assim, a família está recebendo para você comer. A sua comida está sendo descontada do valor que eles pagam para você. A sua comida já vem descontada. Não pague duas vezes pela sua comida. (E2).

A Au Pair se encontra num relacionamento de submissão com seus empregadores, e ao tentar questionar situações de exigência excessiva ou de precariedade, "a família empregadora tende a agir de forma e recolocá-las num lugar de subalternidade" (Rodrigues; Adrião, 2018, pag. 8). A entrevistada 1 tentou dialogar com a família para a qual trabalhou sobre o que achava ser injusto. Em contrapartida, a família alegou vários benefícios que a Au Pair supostamente teria.

Então eles acabam te induzindo e colocando várias coisas em você para poder te fazer sentir culpada por estar reivindicando uma coisa que não era sua. Não é seu trabalho! Não é sua responsabilidade! E é difícil! É uma situação delicada porque a gente mora com nossos chefes. Então muitas vezes a gente se cala porque a gente não tem opção, entende? A gente mora com eles e é horrível (E1).

Durante a análise dos sites das agências de intercâmbio *Cultural Care, Au Pair in America e Au Pair Care*, nota-se que todas destacam a flexibilidade que o programa oferece para as famílias. São as famílias que podem montar o horário de trabalho da Au Pair de acordo com as respectivas necessidades deles. No entanto, não há uma delimitação dessa flexibilidade diante de necessidades e/ou

reivindicações das jovens em intercâmbio. A entrevistada 1 entende que a flexibilidade na organização dos horários da Au Pair que foi prometida para as famílias poderia ser traduzida, na perspectiva das Au Pairs, como disponibilidade incondicional para atender às demandas e necessidades das famílias.

A gente tem que estar o tempo todo disponível e em volta da família, porque independente se você não está no seu horário de trabalho ou não, se acontece alguma coisa você tem que estar lá. Você tem que estar disponível. Então eu não acho que isso é uma liberdade. Então a gente tem que ter uma flexibilidade muito grande, muito maior do que o programa nos pede (E1).

Além dessa flexibilidade, o intercâmbio traz enraizado em sua promoção o "ser parte da família", por ser um trabalho invisível (Cox; Busch, 2018). O preço que é cobrado para ser parte da família é alto. O "ser parte da família" ganha sentido com a troca de favores. A entrevistada 1 explica como é considerada parte da família, requerendo alguns favores seus relacionados a trabalhos que não são atribuições da Au Pair.

É uma mão lava a outra. A parte da família que eu enxergo aqui é tipo "estou fazendo isso por você, mas você vai fazer isso por mim". O problema desse uma mão lava a outra é porque, por exemplo, eu faço as coisas aqui de bom coração porque eu quero ajudar. Só que eu sinto que sempre que as famílias em geral estão fazendo por mim, elas estão esperando alguma coisa em troca. As famílias daqui não te dão nada (E1).

No meu primeiro ano como Au Pair, não existia essa troca de favores. A primeira família para quem eu trabalhava não tinha essa visão da Au Pair como "parte da família". No entanto, na segunda experiência como Au Pair, em outra família, observei a diferença de ser tratada como um membro da família: pareceu de início interessante, porque favoreceu o diálogo e a troca cultural, fazendo com que eu me sentisse bem-vinda e acolhida. A condição, no entanto, foi a minha participação no jogo de favores, e os favores foram muito além de flexibilidade da minha parte na renegociação do tempo. Os favores se esbarravam com meu trabalho de Au Pair. Ou seja, cuidar de outras crianças além das que eu fui contratada para.

Durante quase 6 meses, eu fiquei responsável não só pelas três crianças que cuidava, mas também pela vizinha. O que foi uma situação delicada, porque a

vizinha não tem pais e os guardiões dela eram os avós e a tia. Infelizmente, a avó descobriu que estava com problemas de saúde (câncer) e minha família anfitriã se ofereceu a ajudar eles com o cuidado da criança. Depois disso, fui informada pela mãe anfitriã através de uma mensagem de texto que nós ajudaríamos eles com a criança. Por empatia, não argumentei, porém não achava justo terceirizarem o meu trabalho de cuidados infantis gratuitamente. Porém, o que fazer? Eu era parte da família.

Como apresentado neste artigo, o trabalho doméstico já tem como base ser gratuito e ao renunciar o cuidado, nos leva a pensar e ser julgadas como problemáticas (Federici, 2019). Mas, havia uma linha tênue entre ter empatia pela situação, ser parte da família e como o meu trabalho de *childcare* do dia a dia. Depois de 6 meses nessa situação, me deparei com um dia, o qual fui buscar as crianças que eu cuido na escola e fomos fazer uma atividade. Porém, eu precisei incluir a vizinha porque ela acabou virando minha obrigação diária. Após esse ocorrido, muito delicadamente, dialoguei com a minha família anfitriã sobre eu não me sentir confortável em tomar conta de nenhuma criança que não fosse a deles. Como já mencionado, se impor quando se é uma Au Pair em um programa de intercâmbio não fácil. Nesse caso, eu pude perceber isso, porque todas as vezes que eu dizia "não" para os favores que minha família anfitriã me pedia, o nosso relacionamento estreitava e eles não me viam como flexível.

Privadas do privado: sobre os planos, os sonhos e a luta por um quarto para chamar de seu.

O único espaço privado que a Au Pair pode reivindicar na experiência do intercâmbio é o quarto. É através desse espaço que ela pode se desligar mentalmente e fisicamente do trabalho, já que não existe a liberdade ou a reserva para sair de casa para ir ao trabalho (Silvia Federici, 2019). No momento que ela sai da porta do quarto, ela já está no seu trabalho. A ação inversa deveria causar um desvinculamento do seu trabalho.

A Au Pair mora com a família anfitriã. A família hospedeira é responsável pela acomodação da participante, oferecendo-lhe um quarto durante a vigência do intercâmbio. Porém, não existe regulação sobre as características desse quarto, o que seria necessário ter ou não ter nele. Vai do bom senso e do combinado entre as duas partes.

A entrevistada 2 relata que o quarto em que ela dormia ficava no mesmo andar dos quartos dos membros da família, mas em uma ponta do corredor estava localizado o quarto dos pais, enquanto na outra ponta estavam situados os quartos da Au Pair e os das crianças, bem como o banheiro compartilhado. Durante a adaptação à casa, ela relembra que, para dormir, precisava de 10 miligramas de melatonina, uma máquina de som e máscara de dormir com fone de ouvido.

Eu entrei numa depressão. Não sei nem falar, no começo eu emagreci, depois eu engordei, por causa de tudo isso: estresse e ansiedade. Como eu cuidava de crianças pequenas, elas acordavam de manhã e ficavam pulando em seus quartos. Aqui nos Estados Unidos é casa de madeira, então você escuta tudo se alguém caminhar. Aí eles ficavam pulando, então eu não conseguia dormir. No começo, eu não conseguia dormir. O meu *kiddo* mais velho, todas as noites, acordava no meio da madrugada e gritava para a mãe dele. Todas as noites (E2).

A entrevistada 2 não é a única que teve problemas relacionados ao choro de crianças durante a noite. A entrevistada 1 conta que, em seu primeiro ano de intercâmbio, ela dormia em um quarto ao lado do quarto das crianças. Relata que as crianças nunca a incomodaram com choro, gritaria ou falta de privacidade. Porém, com a atual família anfitriã, por ela morar em apartamento e cuidar de uma criança de dois anos de idade, o choro e a gritaria à noite são constantes.

Na segunda família, eu comecei morando numa casa, mas a gente se mudou para o apartamento. E aqui o meu quarto fica do lado da criança também, novamente, porque geralmente os pais fazem isso, o quarto deles fica do outro lado da casa e a gente fica do lado das crianças. A primeira família tinha muito uma questão de respeito, tipo assim: depois que eu terminava o meu horário e eu fechava a porta do meu quarto, as crianças não gritavam perto, as crianças não me incomodavam, não abriam a porta e tinha total respeito. Na segunda família, eu tenho uma criança de dois anos. Ela não entende muito, mas a mãe deveria ensinar. Aqui eu cheguei e não tinha tranca na porta do meu quarto. Não tem essa questão de privacidade, aqui eu sinto que eu estou refém o tempo todo. A menina vem, entra no meu quarto a hora que ela quer, sai a hora que ela quer e a mãe não interfere. A mãe não vem e tira. Não entende que depois que eu termino de trabalhar, eu quero o meu tempo pessoal. Sabe... porque a gente já está morando na casa de estranhos. Então o único lugar que a gente considera nosso é o nosso quarto. Isso é muito difícil, porque é o único lugar da casa que a gente tem ou que deveria ser 100% nosso, privado. Eu sinto que aqui eu não tenho isso. O segundo fator que

acontece nessa casa é que com uma criança pequena, ela chora à noite e chora muito e eu escuto o tempo todo, então essa gritaria o tempo todo é muito difícil, é muito difícil lidar com isso. Não existe privacidade nessa casa. Eu continuo aqui e continuo bem com a situação porque eu realmente tenho uma empatia muito grande por elas, mas eu tenho que dizer que é muito difícil essa questão de privacidade nesta casa (E2).

Por conta da falta de privacidade e por nunca ter um desligamento real do seu trabalho, ela se sente cansada mentalmente o tempo todo. Da mesma forma, a entrevistada 1 informa que, mesmo quando não está formalmente trabalhando, a mãe anfitriã lhe pede favores em horários livres. A maneira como a entrevistada buscou contornar a situação foi sair de casa nos momentos em que estaria formalmente livre.

Eu sinto que para eu ter o meu tempo, o meu espaço, esse respiro, eu tenho que sair da casa. A partir do momento que acontece isso, há um perigo para a gente, porque é sinal que a gente perdeu o nosso espaço dentro de casa. Então aqui, se eu quero ficar quieta, se eu quero relaxar um pouco, eu preciso sair da casa, porque eu sei que enquanto eu estiver aqui, eu vou ter que fazer favor e ajudar (E1).

Esta participante (E1) tinha como objetivo inicial viajar, viver a experiência cultural e estudar durante o seu intercâmbio. Em seu primeiro ano de programa ela conseguiu vivenciar a experiência cultural americana, em função de características da família anfitriã anterior. Em seu segundo ano com aquela família, ela conseguiu viajar e aprender a língua inglesa. Por esse motivo, ela indicaria esse intercâmbio para outras jovens, mas alerta que as futuras Au Pairs precisam ter em mente que não é um intercâmbio fácil e que é extremamente exaustivo.

Até indico mas eu acho que é primordial você realmente gostar de criança e gostar de criança, não é tipo gostar de brincar com criança e passar cinco minutos não: é gostar de educar. É gostar de cuidar. Ter paciência, porque você vai encontrar crianças mal educadas. Você vai encontrar crianças carentes. Você vai encontrar crianças com problemas psicológicos e problemas físicos. Então assim você tem que estar muito preparada psicologicamente para isso, porque as crianças vão ter suporte, mas você não (E1).

O propósito primordial da entrevistada 2, por sua vez, era estudar inglês. No decorrer do seu primeiro ano de intercâmbio, ela conta que conseguia estudar de

madrugada por ser o único horário livre que dispunha. No entanto, quando começou a pandemia do coronavírus, ela já não via tanta vantagem em estudar online. Ela aconselha as meninas que estão vindo a não terem pressa e a serem espertas na hora de escolher uma família anfitriã.

A entrevistada 3 tinha consciência de que trabalharia muito, mas queria aprender inglês e viajar. Por mais que sua experiência como Au Pair tenha sido árdua, ela reconhece que teve um crescimento pessoal no intercâmbio. Em razão disso, ela indicaria o programa para outras meninas. Mas se pudesse mudar alguma coisa, seria a baixa remuneração que a Au Pair recebe por um trabalho exaustivo. Segundo Maffia (2015 apud Facchin, 2019, p.23) “além do conhecimento intercultural adquirido, o intercâmbio proporciona o aprendizado em relação à própria autonomia, autoconhecimento, facilidade de comunicação com outras pessoas, aprimoramento do currículo profissional e serve para todas as áreas do conhecimento.”. Esta parece ser a meta das jovens que buscam o intercâmbio por meio do Programa de Au Pair. No entanto, tais aquisições em conhecimento e em experiência profissional parecem não decorrer do programa em si, e sim da sorte em ser acolhida por uma família que também respeite as necessidades das Au Pairs.

Conclusão

O resultado desta pesquisa pode ser sintetizado da seguinte forma: ao oferecer comercialmente o Programa de Au Pair, as agências de intercâmbio Brasil/Estados Unidos induzem à frustração das expectativas. Isso decorre das contradições na comunicação externa que as empresas dirigem às jovens intercambistas e às famílias anfitriãs. A experiência das jovens Au Pairs brasileiras é a da desilusão em relação às expectativas de qualificação educacional e profissional, motor original de seus interesses no intercâmbio. São demandadas a desempenhar tarefas de modo a servir unilateralmente os interesses e as necessidades das famílias. Por outro lado, as Au Pairs se encontram em condição de privação dos seus próprios interesses e necessidades pessoais.

O Programa de Au Pair está longe de proporcionar para as participantes um intercâmbio cultural. A sua verdadeira intenção é solucionar o problema relacionado à inserção das mulheres americanas no mercado de trabalho diante da

precariedade na oferta de serviços para os cuidados infantis das políticas públicas nos Estados Unidos.

Por meio da análise qualitativa do relato de três participantes que concederam entrevistas em profundidade, pode-se notar que todas passaram por vários momentos delicados - seja de subordinação, precarização de trabalho ou de sofrimento psicológico. É inegável que existe um problema vigente na divergência das expectativas sobre o programa quando se é apresentado para famílias norte-americanas e para as jovens brasileiras. Isso acaba gerando conflitos de interesses na execução do intercâmbio, em sua experiência prática, com maior prejuízo para as jovens.

Além disso, a propaganda de ser "parte da família" vendida pelas agências é marcada culturalmente pela depreciação do trabalho doméstico e dos direitos humanos. Perpetua e reproduz, assim, discursos machistas e capitalistas ao não reconhecer o valor de tal trabalho.

Como vimos com Cox e Busch (2018), a Au Pair nunca estará numa relação de igualdade com outro membro da família, pois ela não está no controle da situação, e é a parte mais vulnerável nestas relações de poder. Pelo contrário, a família anfitriã sempre terá vantagem e maior poder de decisão na relação, porque é a autoridade da casa em que a Au Pair mora e das instruções para o seu trabalho.

Pelo prazo oferecido para o cumprimento deste artigo, ainda levando em consideração o ano pandêmico e a minha jornada de trabalho exaustiva como Au Pair, tive que me concentrar apenas em três entrevistas em profundidade. A ideia inicial era fazer entrevistas tanto com as Au Pairs quanto com as famílias norte-americanas para entender a perspectiva de ambos os lados sobre a experiência compartilhada no intercâmbio. A partir dos resultados desta pesquisa, o meu interesse em conhecer as condições de saúde mental das Au Pairs ficou ainda mais intenso, o que sinaliza para novos problemas e estratégias futuras de pesquisas.

Referências Bibliográficas:

BAHNEY, Anna. (2020). Why child care costs have skyrocketed by 150% for some Massachusetts families. **CNN Business**. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2020/02/04/success/au-pair-pay/index.html>> Acesso em: 1 nov. 2021.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Previdência Social. (2015). **Trabalhadores Domésticos: Direitos e Deveres**. Disponível em: <[https://www.gov.br/esocial/pt-br/documentacao-tecnica/manuais/cartilha-trabalhadores-domesticos-direitos-e-deveres#:~:text=O\(a\)%20empregado\(a\)%20dom%C3%A9stico\(a\),dando%20quita%C3%A7%C3%A3o%20do%20valor%20percebido.](https://www.gov.br/esocial/pt-br/documentacao-tecnica/manuais/cartilha-trabalhadores-domesticos-direitos-e-deveres#:~:text=O(a)%20empregado(a)%20dom%C3%A9stico(a),dando%20quita%C3%A7%C3%A3o%20do%20valor%20percebido.)>

Acesso em: 4 nov. 2021

CHUANG, Janie A. (2013). The U.S Au Pair Program: Labor Exploitation and The Myth of Cultural Exchange. **Harvard Journal of Law & Gender**, v. 36, n. 2012-46. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2163595> Acesso em: 7 nov. 2021.

COX, Rosie; NARULA, Rekha. (2003). Playing Happy Families: Rules and Relationship in Au Pair Employing Households in London, England. **Gender, Place and Culture** 10(4): 333-44. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232866986_Playing_Happy_Families_Rules_and_relationships_in_au_pair_employing_households_in_London_England> Acesso em: 1 nov. 2021.

COX, Rosie; BUSCH, Nicky. (2018). **As an Equal? Au Pairing in the 21st Century**. London: Zed Book.

FACCHIN, Giovana. (2019). **A Percepção Cultural no Programa de Au Pair: Um Estudo entre Brasileiras e Famílias anfitriãs Norte-Americanas**. Universidade de Caxias do Sul.

FEDERICI, Sílvia. (2019). **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax - São Paulo: Elefante.

GESERICK, Christine. (2012). **'I Always Wanted to Go Abroad. And I Like Children': Motivations of Young People to Become Au Pairs in the USA**. YOUNG, Nordic Journal of Youth Research, vol. 20, no. 1, pp. 49–67

GIBBS, Graham. (2009). **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: ARTMED.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. (2006). Os mitos, os ritos e a PAX organizacional. **Comunicologia**, Brasília, v. I, p. 4-19. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/80918065977669161156679695569882164177.pdf>> Acesso em: 4 nov. 2021.

MELLO, Soraia Carolina De. (2011) Um trabalho naturalmente feminino? Discussões feministas no Cone Sul (1970-1990). **Revista Tempo e Argumento**, vol. 3, núm. 1, pp. 210-231 Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3381/338130374015/html/>> Acesso em: 6 nov. 2021.

MOUSINHO, Amanda Arrais. (2019). **Au pairs brasileiras e suas rotas desviantes: história oral e vidas móveis**. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades.

O'NEAL, Lydia. (2021) State Department's Federal Au Pair Oversight Plan Draws Critics. **Bloomberg Law**,. Disponível em: <<https://news.bloomberglaw.com/daily-labor-report/state-departments-federal-au-pair-oversight-plan-draws-critics>> Acesso em: 1 nov. 2021.

RODRIGUES, Mariana Borelli; ADRIÃO, Karla Galvão. (2018). **Considerações Acerca do Trabalho Doméstico Remunerado a partir do Feminismo Decolonial**. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.sinteseeventos.com/site/redor/G17/GT17-09-Mariana.pdf>> Acesso em: 4 nov. 2021

SCHOENBERG, Shira. (2020). After court ruling, au pair host families struggle to comply with wage and worker protection rules. **Masslive**. Disponível em: <<https://www.masslive.com/news/2020/01/after-court-ruling-au-pair-host-families-struggle-to-comply-with-wage-and-worker-protection-rules.html>> Acesso em: 1 nov. 2021.

SOUZA, Bruno Carvalho Castro; BRANDÃO, Elizabeth. (2002). **Imagem Corporativa: O marketing da ilusão**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Bruno-Souza-26/publication/286457469_Image_m_Corporativa_o_marketing_da_ilusao/links/570e373408ae01763b5ac4bf/Imagem-Corporativa-o-marketing-da-ilusao.pdf> Acesso em: 6 nov. 2021

VERSIANI, Daniela Beccaccia. (2013). Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras De Hoje**, 37(4).

VIEIRA, Nanah Sanches; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. (2019). O trabalho doméstico e as babás: lutas históricas e ameaças atuais. **Sociedade e Cultura - Revista de Pesquisa e Debates em Ciências Sociais**, vol. 22, núm. 1. UFG - Universidade Federal de Goiás Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70361437009>> Acesso em: 4 nov. 2021.

TAYLOR, Kate. (2020). A Court Said Au Pairs Deserve Minimum Wage. Some Families Are Protesting. **The New York Times**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/01/08/us/au-pair-massachusetts-ruling.html>> Acesso em: 1 nov. 2021.